

**VIVER DA MORTE NO CEMITÉRIO SANTA IZABEL (PA) E NO CEMITÉRIO
SENHOR DA BOA SENTENÇA (PB)****LIVING WITH DEATH AT SANTA IZABEL CEMETERY (PA) AND SENHOR DA
BOA SENTENÇA CEMETERY (PB)**Weverson Bezerra Silva¹, Elisa Gonçalves Rodrigues²

Resumo: Este artigo aborda a economia mortuária ou gestão econômica da morte durante e pós-pandemia de Covid-19 em duas cidades cemiteriais localizadas nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, analisando os modos de prática, comércio e sociabilidade no Dia de Finados nos Cemitérios Santa Izabel (PA) e Senhor da Boa Sentença (PB). Diante das semelhanças e particularidades observadas nessas duas regiões e cemitérios na mesma data, objetivamos compreender o processo de visitar os mortos, destacando os aspectos sociais e econômicos relacionados a esse dia. Intuindo destacar os elementos que constituem o mundo social do cemitério, examinamos questões como o mercado dentro e fora dos muros. Para tanto, correlacionando teoria e método, em um movimento que dinamiza a experiência etnográfica na antropologia, a percepção das vivências cemiteriais, suas práticas socioculturais e as relações construídas entre os indivíduos nos permitiu visualizar estes lugares não apenas como um local de morte e enlutamento, mas como um espaço de vida, atividade social, econômica e continuidade simbólica.

Palavras-chave: antropologia da morte, estudos cemiteriais, dia dos mortos/finados, pandemia.

Abstract: This article addresses the mortuary economy or economic management of death during and post the Covid-19 pandemic in two cemetery cities located in the North and Northeast regions of Brazil, analyzing the modes of practice, commerce, and sociability on the Day of the Dead at Santa Izabel Cemetery (PA) and Senhor da Boa Sentença Cemetery (PB). Given the similarities and particularities observed in these two regions and cemeteries on the same date, our aim is to understand the process of visiting the deceased, highlighting the social and economic aspects related to this day. Seeking to emphasize the elements that constitute the social world of the cemetery, we examine issues such as the market inside and outside the walls. Therefore, correlating theory and method in a movement that energizes the ethnographic experience in anthropology, the perception of cemetery experiences, their sociocultural practices, and the relationships built among individuals allowed us to view these places not only as a site of death and mourning but as a space of life, social activity, economic engagement, and symbolic continuity.

¹ Doutorando em Antropologia, UFPB, e-mail wevergonsilbez@gmail.com e ORCID <https://orcid.org/0000-0003-3364-7938>.

² Doutoranda em Sociologia e Antropologia, UFPA, e-mail elisagoncalves00@gmail.com e ORCID <https://orcid.org/0000-0001-7309-0404>.

Artigo recebido em 27/12/2023, revisões requeridas em 26/01/2024, aceito para publicação em 16/04/2024, Editor responsável José Jonas Alves Correia.

RIC - Revista de Informação Contábil - ISSN 1982-3967	v.17	e-023019	1-18	2023
---	------	----------	------	------

Keywords: anthropology of death, cemetery studies, day of the dead/all saints' day, pandemic.

1 INTRODUÇÃO

*“Todos os cemitérios se parecem”
(Machado de Assis)*

A chegada da Covid-19 ao Brasil marcou o início de uma crise de saúde pública e cemiterial. Começaram as notícias sobre os casos do “coronavírus” e a morte começou a entrar em cena. O primeiro caso confirmado foi registrado em 26 de fevereiro de 2020, quando um paciente em São Paulo testou positivo para o vírus. Em muitas regiões no Brasil, a escassez de recursos levou a uma crise sanitária, com hospitais e cemitérios à beira do colapso e dificuldades para fornecer assistência adequada para os familiares e vítimas da Covid-19.

Este artigo discute dados produzidos no marco de uma experiência etnográfica pandêmica de dois pesquisadores, sendo uma antropóloga do Norte e um antropólogo do Nordeste do Brasil, analisando os modos de prática, comércio e sociabilidade no Dia de Finados nos Cemitérios Santa Izabel (PA) e Senhor da Boa Sentença (PB). Diante das semelhanças e particularidades observadas nessas duas regiões e cemitérios no mesmo período no Dia dos Mortos, objetivamos compreender o processo de visitar os mortos, destacando os aspectos sociais e econômicos relacionados à data. No recorte aqui escolhido, nossa atenção se volta para o modo como o espaço cemiterial desenvolveu mecanismos no durante e pós-pandemia de Covid-19, com atenção às dimensões simbólicas, econômicas, intersubjetivas e sociais da morte, que já sendo tabu (Rodrigues, 1983) cotidianamente, intensificando tais figurações no cenário pandêmico.

Nomeamos economia mortuária ou gestão econômica da morte reconhecendo um mercado que não é fixo, tendo em sua complexidade uma rotatividade relativa no dia 02 de novembro (Dia de Finados), já o aspectos econômicos envolvidos no ciclo comercial acaba sendo um recurso financeiro, destacando-os como práticas funerárias econômicas por ser um serviço de subsistência que envolve gerações e gênero entre elas crianças, mulheres, homens, entre outros grupos. Portanto, nos interessa aqui pontuar a visita ao cemitério como um rito associado ao trabalho do luto, mas também sua agência (Gell, 1998) e sua comercialização.

Metodologicamente, visando as aproximações etnográficas em finados no contexto Norte-Nordeste, por meio de deambulações interessadas através da etnografia de rua (Rocha & Eckert, 2019) nas cidades cemiteriais, a visualização das nuances dos processos rituais (Turner, 1974) a morte faz parte de duas formas desse processo – há um forte simbolismo que associa a mudança de estatuto a uma morte (o indivíduo morre para uma condição e renasce em outra); a própria morte é objeto desses rituais, e no ritual de morto também está associado à gestão econômica da morte no período da pandemia.

RIC - Revista de Informação Contábil - ISSN 1982-3967	v.17	e-023019	1-18	2023
---	------	----------	------	------

Os ritos fúnebres podem ser destacados como exemplos. É preciso salientar que se devem compreender esses elementos de interpretações como uma teia de significados (Geertz, 1989), portanto esse artigo mostra significados da manutenção econômica que acontece no Dia dos Mortos. Serão descritas formas culturais e ritualísticas de um grupo social na instituição do cemitério Senhor da Boa Sentença, no bairro do Varadouro e Cemitérios Santa Izabel (PA), no bairro do Guamá, considerando esses dois espaços cemiteriais um sistema cultural de comunicação simbólica (Peirano, 2003). Motta (2008) relata que os atores sociais sobre o rito *post mortem* estão relacionados por uma necessidade social emotiva. No mundo dos vivos, os mortos passam por um trabalho contínuo de memória e recordação de indivíduo chegando ao grupo social ao qual o morto pertence.

Diante dessas considerações iniciais, na primeira seção abordaremos como o gerenciamento do mercado e da gestão da morte e do morrer nas localidades da cidade cemiterial, e de como se deu através dos ritos coletivos no Dia de Finados durante o contexto pandêmico e após no Cemitério Santa Izabel na cidade de Belém. Neste tópico, apresentamos as particularidades das vendas e dos serviços apresentados pelos profissionais da lembrança (Rodrigues, 2023).

Na segunda seção, abordaremos os processos interligados entre a vida e a morte, especialmente no que concerne à dimensão econômica associada ao mercado funerário ritualístico vinculado ao Cemitério Senhor da Boa Sentença em João Pessoa, Paraíba. Neste ponto do artigo, examinaremos a forma como a interconexão das práticas funerárias com as esferas econômica e social repercute nos efeitos da economia mortuária no cemitério.

2 QUANDO DOIS CEMITÉRIOS SE ENCONTRAM: RESULTADO E DISCUSSÃO DA PESQUISA ETNOGRÁFICA

2.1 Institucionalização da morte e sua economia no cemitério Santa Izabel em Belém do Pará

O Cemitério Santa Izabel, situado na Avenida José Bonifácio no bairro do Guamá em Belém, constitui um equipamento urbano³ periférico com uma longa utilização desde 1870. Notabiliza-se por sua arquitetura detalhada e pela presença de aproximadamente 80.000 túmulos. A ativação deste espaço ocorreu após o encerramento das atividades do Cemitério do Tucunduba, desativado concomitantemente ao Leprosário por volta de 1870. Nesse mesmo período, o Cemitério da Soledade, primeiro cemitério público de Belém, também encerrou suas atividades.

³Segundo o Art. 2º, § 2º, do Decreto Nº 7.341, de 22 de outubro de 2010, consta: “Consideram-se equipamentos públicos comunitários as instalações e espaços de infraestrutura urbana destinados aos serviços públicos de educação, saúde, cultura, assistência social, esportes, lazer, segurança pública, abastecimento, serviços funerários e congêneres.”

Nesse contexto, as epidemias evidenciaram o processo de secularização⁴ dos cemitérios, formalizado em 1891 pela primeira Constituição Republicana, que promulgou a lei de secularização (Silva, 2005). As doenças que assolaram a cidade no século XIX contribuíram para a transferência dos sepultamentos das igrejas para os cemitérios a céu aberto. Esse movimento também esteve relacionado às novas políticas de gentrificação e ordenamento urbano, transferindo a responsabilidade da Igreja para o Estado. O deslocamento das igrejas para os cemitérios tornou-se uma discussão necessária diante das epidemias, impulsionando “a mudança de preocupação da morte de si mesmo para a morte do outro, perpetuando as famílias em um único lugar, em um cemitério” (Sales, 2022, p. 69).

Em 1997, Belém promulgou uma nova legislação sobre as condições das construções horizontais nos campos-santos. Órgãos como a Secretaria do Estado de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente (SECTAM) e o Conselho Estadual de Meio Ambiente (COEMA) passaram a exigir, a partir desse ano, documentações comprobatórias de que os cemitérios horizontais seriam ecologicamente corretos para serem construídos. Essa decisão impactou na interdição do primeiro cemitério público da capital, o Cemitério Nossa Senhora da Soledade (1850), que, na época, enfrentava ameaças de demolição devido aos sepultamentos cessados, mas ainda em curso, e às péssimas condições do local (Rodrigues, 2012), sendo incluído nas políticas de tombamento do Instituto Histórico do Patrimônio Artístico e Nacional (IPHAN) em 1964, sob a chancela de Patrimônio Paisagístico Nacional. Entre 1875 e 1880, os sepultamentos no local cessaram, encerrando um ciclo que abrangeu cerca de 30.000 cadáveres (Rodrigues, 2023), em sua maioria vítimas de epidemias como a febre amarela (1850) e a cólera (1885). Após sua interdição, o Cemitério Santa Izabel foi inaugurado para dar continuidade aos sepultamentos.

Resultado de transformações significativas do final do século XIX para o século XX, o bairro do Guamá, isolado do restante da cidade, representava um espaço destinado à segregação de pessoas socialmente rejeitadas. Esse processo decorreu da gentrificação que afetou a capital paraense devido às políticas de higienização social durante a *Belle Époque* belenense. De acordo com o Censo Demográfico de 2010, o bairro do Guamá é o mais populoso dos 48 bairros de Belém, com aproximadamente 100 mil habitantes, apresentando um dos perfis socioeconômicos mais carentes da capital. Fundado a partir da exclusão de pessoas com hanseníase e doenças mentais do centro da cidade, o Guamá foi estabelecido como uma região considerada afastada do centro ocupado pelas elites, perpetuando trajetórias e estigmas de desterritorializações/ocupações de caráter segregador entre as duas realidades mencionadas (Goffman, 1988; Magnani, 2013).

Localizado na zona sul da cidade, às margens do rio Guamá, abriga importantes instituições, como a Universidade Federal do Pará, os hospitais universitários Barros Barreto e Bettina Ferro, além do Cemitério Santa Izabel, garantindo um intenso fluxo diário de pessoas ao bairro. Atualmente, o cemitério divide-se em quadras com suas respectivas ruas, túmulos-casa

⁴Secularização dos cemitérios dá-se pela diminuição da presença eclesiástica nos sepultamentos, outrora feitos em Igrejas, sendo, portanto, responsabilidade do poder público manejar as construções cemiteriais, prezando pelo não-impacto ao ambiente e à saúde pública.

numerados para identificação e mausoléus com portas para facilitar a transitividade no local (Rodrigues, 2023).

No contexto antecedente à pandemia em Belém, conforme disposto no artigo 37, inciso XXIII, da Lei Orgânica do Município, compete ao poder local regulamentar os serviços funerários, gerir os cemitérios e supervisionar aqueles pertencentes a entidades particulares. Adicionalmente, a Lei 6305/1967 conferiu autorização para a comercialização de sepulturas, catacumbas e ossuários, estabelecendo novos critérios para tais transações, instituindo taxas para serviços correlatos e delineando diretrizes acerca da concessão de perpetuidade de sepulturas nos cemitérios públicos da capital. De acordo com Veras e Soares (2016) as transformações em "serviços funerários", os rituais funerários não eram isentos de alguma relação financeira, frequentemente mediada pelas igrejas e suas irmandades no processo do ritual. Porém, é na contemporaneidade que as características rituais tradicionais das práticas fúnebres se modificam no sentido de uma lógica que privilegia o mercado de consumo.

A configuração de instalações destinadas a sepultamento, cremação e velório experimentou um aumento significativo nas últimas décadas, quando a responsabilidade pelo tratamento dos rituais mortuários ultrapassou o âmbito familiar para tornar-se uma questão social (Rodrigues, 2020), especialmente no período pandêmico. Com o crescimento dessa transição, o mercado expandiu-se, proporcionando diversas opções para cerimônias de despedida, que variam desde enterros convencionais até métodos que permitem a permanência em companhia do falecido, como a preservação de cinzas ou a conservação de dados genéticos em bancos de genes, uma inovação no mercado funerário com considerável potencial de demanda devido à ampliação das ofertas relacionadas à morte.

A concepção de mercantilização da morte, conforme delineada por Araújo (2012), reflete as perspectivas de uma sociedade orientada para o consumo, mas também para a sua gestão, na qual mesmo nos períodos de sepultamento e luto, são ressaltadas as singularidades do falecido, a fim de viabilizar a oferta das mais promissoras soluções de conforto por empresas e serviços que atuam no setor com o propósito de oferecer apoio nesse momento. Além disso, salienta-se que, na contemporaneidade, a responsabilidade pelo manejo da morte passou a recair sobre grandes corporações que impulsionam esse ramo de negócios, mas em cemitérios descentrados com os tratados neste artigo, outro tipo de comércio, autônomo e operacionalizados, em grande parte, pelos profissionais da lembrança (Rodrigues, 2023) das cidades cemiteriais, ocupam o fronte dessa economia da morte.

Ainda para Araújo (2012), a morte se profissionalizou nos últimos anos. Pontua que “uma vez morto, são as empresas funerárias as grandes interessadas pelo indivíduo. Se pensarmos o setor funerário, no sentido de oferta de serviços, até algum tempo atrás havia muito preconceito, pouca ou insignificante tecnologia, não tinha muita valorização, havia pouca informação e o trabalho era voltado apenas para o morrer, independente das circunstâncias e sem preocupação com os que ficaram. Hoje é tratado como um negócio como outro qualquer, mas com uma simbologia muito forte porque mexe com sentimentos, mexe com as pessoas num momento delicado. A cerimônia de despedida marca tanto quanto mais do que as outras, tais como o

casamento, o batizado, etc., por isso não pode ser desprezada nem negligenciada” (Araújo, 2012 p. 342).

Essas particularidades são atenuadas em datas simbólico-coletivas (Rodrigues, 2022), especialmente no Dia de Finados, dia que condensa uma série de ritos que foram suprimidos na pandemia de Covid-19, que mesmo em Finados de 2022, se deu de maneira tímida, com uso de máscaras na missa, na devoção aos santos populares e em demais momentos do dia, conforme instruído pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Para Bayard (1996), a ida ao cemitério é um rito fúnebre associado ao processo de luto. Tal rito é antecedido por outros no tempo, tais como o momento da agonia, que para o autor coincide com a fase inicial do luto, o velório, as exéquias, as condolências, o luto público, o luto social e o luto psicológico (Bayard, 1996). O prolongamento de todas essas fases seriam o culto dos mortos e a visita ao cemitério, processo visualizado nas deambulações cemiteriais através da etnografia de rua na necrópole (Rocha & Eckert, 2019).

Figura 1

A timidez do rito pós-pandemia vivenciado com máscaras.



Fonte: Os autores, 2022.

Entendemos o caráter coletivo de Finados pois compreendemos que a realização do rito coletivamente, bem como do comércio econômico em torno deste processo e data, faz do cemitério um espaço de interação e sociabilidade, no sentido dado por Simmel (1983) a este termo, que o compreende como uma unidade de indivíduos (Costa, 2017), ainda que não haja uma troca recíproca direta entre as pessoas que se dirigem ao cemitério neste dia. A esse respeito é preciso pontuar ainda que nem todos que se dirigem ao cemitério neste dia - ou mesmo, em outro de significado simbólico associado à morte -, realizam um projeto cuja finalidade é o trabalho do luto, mas essa é uma interpretação possível e pode ser articulada aqui para a compreensão acerca da alta circulação de usuários e seus diversos fazeres no espaço cemiterial (De Castro & Fonseca de Castro, 2019).

Acender as letras dos túmulos é um ritual coletivo que gera movimentação econômica em vários mausoléus em Finados de 2022 e na cidade cemiterial como um todo. Algumas famílias optam

por contratar o serviço, que custa, em média, R\$0,50 centavos por letra, mas outras famílias compram seu próprio material para fazer à mão, para que o momento em família possa ser mais marcante.

Figura 2

Serviço de acender as letras. Segunda autora, 2022.



Fonte: Os autores, 2022.

Vendedores e zeladores também aguardam a chegada de novos clientes para comprarem flores, velas ou acionarem seus serviços de reparo, que vão desde a capinação, lavagem e o enceramento dos túmulos, até consertos estruturais nas tampas, bases e laterais. Quase sempre já idosos, boa parte dos zeladores permanecem pela manhã apenas, devido ao intenso sol durante a tarde, mas também pela intensidade da procura de tais serviços ser maior, assim como a visitação, no período da manhã.

Figura 3

Zeladores e vendedor de flores



Fonte: Os autores, 2022.

As flores são compradas nas barracas externas ao cemitério, que ficam na entrada ou próximas ao portão central, e costumam ser vendidas por talo e individualmente, custando em média R\$5,00 o talo com 5 flores e R\$2,00 uma unidade. Cada vendedor possui seus próprios arranjos na barraca e no modo de entregar as flores recém compradas. Alguns amarram seus troncos

com barbante, outros com pedaços de fita e alguns envolvem as flores com papel ou plástico próprio, que nos dimensiona a variedade de materiais para vender da melhor forma e com a melhor qualidade os seus produtos. Com o primeiro Finados pós-pandemia, as vendas estavam baixas, mas significativamente maiores que as ocorridas em 2021, e amplamente maiores que as de 2020.

Figura 4

Venda de flores



Fonte: Os autores, 2022.

Também é importante mencionar as alternativas que os familiares e visitantes traçam pela falta de segurança no Cemitério, que também é um movimento de inserção nesta economia cemiterial-mortuária, já que os visitantes executam estratégias para evitar o furto de suas homenagens deixadas no local. Uma delas é o ato de tirar as pétalas uma a uma ao invés de deixar o talo ou o buquê inteiro, pois assim, é mais difícil de ser furtado e revendido na porta do campo-santo. O mesmo também é válido para as velas. O “choro das velas”, recolhido em baldes, são retirados do pé de todos os túmulos, muitas vezes antes da vela queimar por inteira, para que possa ser vendido por quilo e novas velas possam vir a ser feitas. Outra estratégia é acender a vela antes de iniciar o ritual de despetalar as flores, assim, ao final a vela terá queimado por inteira.

Figura 5

Despetalar das flores e “choro das velas”



Fonte: Os autores, 2022.

A comida, assim como a água, também faz parte da data e movimentação da economia do mercado da morte, seja para os vivos ou para os mortos. Os visitantes compram lanche tanto para si, quanto para seus mortos, sendo comum ao pé de alguns túmulos e do Cruzeiro das Almas uma significativa quantidade de comida de todos os tipos, como pipoca, pupunha, café, pão e outros tipos de alimentos, que acabam, também, alimentando os não-humanos, isto é, os animais que transitam e moram dentro do cemitério, fazendo da venda da comida um processo que intermedia o mundo dos vivos e dos mortos, bem como a economia cemiterial do local.

Figura 6

Venda de pupunha, lanche e oferenda aos mortos



Fonte: Os autores, 2022.

Ao adotarmos a perspectiva que considera a trajetória histórica e cultural da morte nos espaços cemiteriais, passamos a compreender suas dimensões, juntamente com suas inevitáveis limitações, portanto, as repercussões sociais da morte envolvem gestos e ritos de enorme força simbólica, tornando-se, assim, emocionalmente carregados, e agenciados (Gell, 1998), na mesma medida, pelo comércio, que ampara vários desses processos com seus serviços desde a ornamentação até às especificidades de velórios, cremações, exumações, dentre outras incumbências que serão mostradas na seção seguinte.

2.2 Viver da morte: o mercado dentro e fora do cemitério Senhor da Boa Sentença em João Pessoa/PB

O Cemitério Senhor da Boa Sentença, cuja administração foi conduzida pela Santa Casa da Misericórdia até a década de 1930, encontra-se localizado na Rua Sebastião de Oliveira Lima, s/n, no Bairro do Varadouro, em frente à Praça Dia de Nóbrega. Esta praça, frequentada por moradores e comerciantes que lidam diretamente com produtos destinados ao cemitério, é sempre movimentada. Aqueles que desempenham suas atividades no local afirmam que este é o segundo cemitério de João Pessoa - PB, uma vez que existia um anterior a ele, desativado posteriormente, e todos os corpos foram transferidos para o Cemitério Senhor da Boa Sentença. Segundo Albuquerque (2008, p.18), “o primeiro cemitério era o da Igreja da Misericórdia, hoje ocupado pelo Banco Bradesco na Rua Duque de Caxias”, endereço localizado no centro de João Pessoa.

O cemitério, conhecido também como Varadouro, foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAEP), conforme o Decreto Estadual nº 7.819/1978, tornando-se inacessível à destruição ou a intervenções sem a prévia autorização do órgão. É crucial ressaltar que o cemitério possui um valor histórico, cultural e arquitetônico em seus túmulos, sendo dotado de um significado afetivo para a sociedade. Esse valor atribuído pelo tombamento visa garantir a preservação do local.

O relator do processo de tombamento no conselho de preservação cultural do IPHAEP (CONPEC), Damião Ramos, advogado, escritor, poeta e cronista, atual (2020) Secretário de Cultura do Estado da Paraíba e presidente da Academia Paraibana de Letras, destacou a importância da preservação do cemitério em seu parecer. Ele afirmou: "O Cemitério Senhor da Boa Sentença é uma verdadeira aula de história e sociologia da nossa sociedade paraibana."⁵

De acordo com Albuquerque (2008), em torno da morte e do morrer, de um lado, há toda a questão da religiosidade, e do outro, a sobrevivência dos ambulantes, pois ocorre de forma indissolúvel a devoção e o capitalismo, que transforma a morte em mercadoria. Neste momento, destaca-se outro aspecto do Dia de Finados, que é o caráter econômico desse fenômeno. Com o aumento do número de pessoas que visitam o cemitério no dia 2 de novembro, observa-se também o crescimento da presença de vendedores ambulantes, tanto nas ruas em frente ao cemitério, na via paralela à integração de João Pessoa do Varadouro, quanto no seu interior. Os ambulantes se concentram nesses espaços para comercialização de objetos como velas e flores. No interior do cemitério, é possível encontrar outras pessoas oferecendo serviços em troca de pagamento, e esses efeitos foram afetados diretamente no momento da pandemia e pós-pandemia.

Negrão (2014) relata que o Dia de Finados era recebido ou lembrado com pesar e sentimentos, especialmente durante o período matutino, no qual ocorre a limpeza dos túmulos e a colocação de flores e velas. As mulheres, que desempenham o papel de zeladoras e comercializam sua

⁵Link: [Cemitério Senhor da Boa Sentença, em João Pessoa, é tombado pelo Iphaep | Paraíba | G1 \(globo.com\)](https://g1.globo.com/paraiba/noticia/2023/12/18/cemiterio-senhor-da-boa-sentenca-em-joao-pessoa-e-tombado-pelo-iphaep-1.7488888) acessado em 18 de dezembro de 2023.

mão de obra, realizam essas limpezas nas covas, cobrando um preço fixo, entre R\$10,00 e R\$5,00 reais. A natureza peculiar da situação econômica trouxe mudanças significativas nos hábitos e práticas relacionadas às homenagens aos entes queridos falecidos no momento da pandemia, principalmente no comércio de produtos religiosos e funerários.

Refletindo na categoria do cuidado, neste momento do Dia de Finados, em sua maioria, é direcionado para as mulheres. Conforme Perrot (2017), no culto dos mortos, as mulheres tinham a responsabilidade de cuidar dos túmulos. O ato de florir e limpar os túmulos era dividido entre as mulheres e as filhas, pois o cemitério está intimamente relacionado como a última morada, o que também está ligado a uma dependência do cuidado da casa, ocupando assim uma posição significativa na vida das mulheres. Portanto os serviços de Zeladoria e limpeza do cemitério Senhor da Boa Sentença, se deu com as restrições de movimentação e aglomeração no processo de cultuar os mortos foram afetados com a prestação de serviços de zeladoria nos cemitérios, com um declínio na demanda por esses serviços durante a pandemia.

Ao refletir com base nos conceitos de Mary Douglas (1976), foi possível perceber que o movimento de limpeza era, acima de tudo, uma forma de separação e estabelecimento de ordem, principalmente depois da experiência da Covid-19. Nesse sentido, a morte precisava ser mantida afastada, evidenciada pelo uso de luvas de borracha. Além dos serviços mencionados anteriormente, é pertinente destacar a compra e venda de outros produtos, como churros, espetinhos de carne, pipoca, sorvetes e outros, tanto dentro quanto fora do cemitério, porém uma nova mercadoria foi aparecendo durante e depois da pandemia que é as vendas das máscaras. As pessoas adquiriam suas refeições e dirigiam-se ao cemitério, sentavam-se ou permaneciam em pé com sua alimentação.

A prática de comer dentro do cemitério é uma rotina frequente no Dia de Finados, e o comércio de alimentos é instalado tanto dentro quanto fora do cemitério, fomentando o processo de mercado. Na parte externa, há uma praça onde se localizam os ambulantes, tornando-se um espaço de sociabilidade. Ao visitar outros locais, essa prática não era tão evidenciada como no Cemitério Senhor da Boa Sentença, onde o mercado acaba tendo mais espaço pela praça que existe em frente e a necessidade do comércio ser maior pelo número de covas. Um ponto importante a destacar é que no México é comum comer abundantemente, inclusive o "*pan de muerto*", e também se comia nos cemitérios descritos por Reis (1991) em "A Morte é uma Festa". Conforme pode ser observado nas imagens abaixo, a comercialização é principalmente do acessório novo que a pandemia trouxe, que foi a máscara no Dia dos Mortos no cemitério do Varadouro.

Figura 8*Comércio no cemitério e venda de máscaras*

Fonte: Os autores, 2022.

Com a crescente conscientização da Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre a importância da proteção individual fazendo assim uma proteção coletiva que a pandemia trouxe, os vendedores ambulantes se reinventaram e passaram a oferecer máscaras como parte essencial do comércio, atendendo à demanda por itens de segurança sanitária. Porém, a cultura da comercialização do mercado no dia dos mortos parte de uma demanda dos próprios enlutados, se o cemitério cobra uma obrigatoriedade para entrar só de máscara, o comércio coloca como um possível recurso para a economia dos ambulantes a venda das máscaras.

Com isso, no contexto pós-pandemia, as máscaras não apenas se tornaram um acessório essencial para visitantes que buscam proteção contra possíveis riscos, mas também refletem a adaptação do comércio local às necessidades emergentes da sociedade. Essa nova realidade é perceptível no Cemitério Senhor da Boa Sentença que modifica em resposta às mudanças nas condições de saúde pública, influenciando a dinâmica dos espaços públicos, como os cemitérios, que passam a incorporar aspectos de segurança sanitária em sua rotina cotidiana como um produto da economia da morte (Silva, 2019).

Outro grupo observado no cemitério são as empresas mortuárias e cemitérios privados, que realizam a distribuição de panfletos e a comercialização de produtos póstumos. Durante a entrega dos panfletos, inicia-se um discurso de venda, no qual é perceptível que, por meio de suas relações emocionais no Dia de Finados, os visitantes se tornam mais receptivos aos pacotes de planos oferecidos. A procura era significativa e as perguntas sobre os planos eram frequentes. No entanto, é crucial destacar que os planos são direcionados a qualquer classe social à qual o visitante pertença. Conforme Moraes (2013) observa, no mercado funerário, a principal assertiva é o lucro, e esse mercado busca satisfazer uma necessidade ou desejo, mas, ao mesmo tempo, define-se por classes econômicas.

Neste momento, podemos estabelecer uma relação com a citação de Moraes (2013) mencionada anteriormente, na qual uma das empresas utiliza nomenclaturas como "especial", "luxo", "VIP" ou "master", ampliando assim as vantagens e benefícios relacionados ao conforto na abordagem da morte. Tais benefícios buscam proporcionar ao indivíduo a tranquilidade em relação à sua própria morte, permitindo-lhe "aproveitar a vida". Nesse contexto, é relevante ressaltar a

perspectiva de uma morte moderna, expressa pela frase presente no folheto: "o resto deixa com a gente". Ao contrário da morte tradicional, na qual o cuidado com o corpo está integralmente voltado para a família (Ariés, 1975), na morte moderna, as instituições assumem a responsabilidade pelo cuidado do corpo. Dessa forma, essas instituições deixam claro que não há a necessidade de preocupação por parte dos familiares nesse processo de morte. A seguir, estão reproduzidos os panfletos que ilustram o que foi mencionado anteriormente:

Figura 9: Panfletos das instituições mortuárias



Fonte: Os autores, 2022.

No Cemitério do Varadouro em tempos de pandemia e pós-pandemia de Covid-19, a abordagem das empresas mortuárias e cemitérios privados, conforme descrita no texto, assume um significado ainda mais intenso sobre como a morte estava sendo abordada. A oferta de planos especiais e benefícios associados ao conforto na morte ganha relevância diante da sensibilidade e preocupações exacerbadas relacionadas à saúde pública que vivenciamos durante a pandemia e os processos de isolamento social.

De acordo com o pensamento de Santos (2019) os agentes sociais também se posicionaram para a construção de um espaço social e para a delimitação do mercado funerário, esses novos agentes, ou agentes funerários – descolados dos dogmas religiosos, e que começam a dialogar com o Estado e a nova ordem moral que começa a se consolidar no Brasil, através da ciência médica e da atividade burocrática do Estado – formaram, certamente, as primeiras dimensões do que entendemos como espaço do mercado funerário (p. 45).

A busca por soluções que proporcionem tranquilidade para os indivíduos em vida para sua morte”, reflete a adaptação do mercado funerário diante de circunstâncias únicas e

RIC - Revista de Informação Contábil - ISSN 1982-3967	v.17	e-023019	1-18	2023
---	------	----------	------	------

desanimadoras. A frase "o resto deixa com a gente" ganha uma dimensão diferente neste contexto, sugerindo não apenas o cuidado com o corpo após a morte, mas também a minimização das preocupações dos familiares, que podem estar enfrentando dificuldades adicionais devido às circunstâncias impostas pela pandemia.

A atenção redobrada às práticas de higiene, comercialização e segurança sanitária, bem como a oferta de serviços que garantam um ritual digno no dia dos mortos em tempos pandêmicos, destaca a adaptação das empresas funerárias e ambulantes às demandas do mercado da morte. Este novo cenário no Cemitério do Varadouro ressalta a importância de compreender as mudanças nas práticas funerárias associadas ao sistema capitalista na comercialização do dia dos mortos, essa interação entre comércio e práticas funerárias se dar pelos *os usos políticos da memória* (Grisales, 2016).

É relevante realçar os serviços do cemitério e relacioná-los aos valores praticados em outros cemitérios, percebendo que o preço está diretamente vinculado à posição social que cada cemitério ocupa. Entre os cemitérios públicos, o Cemitério Senhor da Boa Sentença apresenta valores mais elevados, em virtude da sua condição de tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAEP), sendo estes valores estabelecidos pela Secretaria de Desenvolvimento Urbano (SEDURB). A administração não possui controle sobre essa padronização de valores, porém, em muitos casos, de acordo com o contexto econômico da família, o administrador pode reduzir o valor de alguns desses serviços. A tabela a seguir exhibe uma comparação entre o Cemitério Senhor da Boa Sentença e outros cemitérios localizados na mesma Cidade de João Pessoa em bairros populares.

Tabela 1.

Valores dos serviços do cemitério

SERVIÇOS	CEMITÉRIO SENHOR DA BOA SENTENÇA – VALOR R\$	DEMAIS CEMITÉRIOS – VALOR R\$
Sepultamento em Covas Rotativas	48,00	25,00
Sepultamento em túmulos	70,00	35,00
Exumação em covas rotativas	48,00	25,00
Exumação em covas túmulos	70,00	35,00
Licença de construção para Ossuários	70,00	48,00
Taxa de transferência de terreno perpétuo	223,00	185,00
Aquisição de terreno perpétuo	3.338,00	1.467,00
Velório	48,00	25,00
Entrada e Saída de Ossos	48,00	25,00
Licença de construção de Tanque	76,00	45,00
Licença de construção de mausoléu	95,00	58,00
Sepultamento de Anjo	25,00	15,00
Taxa de transferência de Ossuário	95,00	48,00

A análise dos serviços do Cemitério Senhor da Boa Sentença em relação aos valores praticados em outros cemitérios destaca uma dinâmica de mercado desigual, onde os preços são intrinsecamente ligados à posição social que o cemitério ocupa. Notavelmente, o Cemitério Senhor da Boa Sentença, por sua condição de tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAEP), apresenta valores mais elevados, como mostrado na tabela acima, tendo preço com 50% a mais. Esta flexibilidade sugere uma adaptação das condições específicas do enlutado, principalmente as pessoas que são enterradas nas covas rasas. A comparação apresentada na tabela representa a dinâmica econômica da morte e o processo de morrer, evidenciando as nuances nos custos associados aos serviços funerários em diferentes etapas da morte (Silva, 2019).

Comparar essa tabela é perceber que não apenas a estrutura do túmulo fala sobre o falecido, mas também a instituição, considerando a posição que ela ocupa em sua distribuição pela cidade. Ao realizar uma comparação entre um bairro popular e um bairro de classe média na mesma cidade para exemplificar essa tabela, torna-se evidente que os preços da mesma mercadoria variam conforme o local de venda e a classe social que a adquire. Dessa forma, é possível reproduzir a comparação entre a cidade dos vivos e a cidade dos mortos numa sistematização equivalente.

Bellomo (2000) argumenta que os cemitérios reproduzem a geografia social das comunidades e definem as classes sociais (p.13). A afirmação de Bellomo (2000) sobre os cemitérios como reproduções da geografia social das comunidades e definidores das classes ressaltando a importância desses espaços como reflexo da estratificação social e econômica na reprodução no mundo dos vivos, reproduzindo para o mundo dos mortos.

Enquanto Rocque (2001), conforme citado por Rodrigues (2014, p.35), relata que, "todavia, assim como na cidade dos vivos existem os bairros elegantes separados das periferias, frequentemente destinadas aos menos favorecidos", a cidade dos mortos também se configura em espaços diversos para ricos e pobres. Essa dicotomia na disposição dos espaços da morte reflete não apenas as diferenças socioeconômicas presentes na sociedade, mas também reforça a ideia de que, mesmo após a morte, as estratificações sociais infladas pelo sistema capitalista continuam a influenciar o modo como os indivíduos praticam e reproduzem a ritualização da morte entrelaçado com a capa dos processos econômicos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em última análise, é pertinente reconhecer a relevância deste artigo relacionando as regiões e os contextos Norte - Nordeste, pois estudos como este desempenham um papel crucial ao evidenciar que a antropologia figura como um dos principais catalisadores para a discussão de assuntos intrinsecamente ligados às relações sociais dos indivíduos, como por exemplo, o comércio mortuário, objetivo central deste artigo que aborda a economia mortuária ou gestão econômica da morte durante e pós-pandemia de Covid-19 em duas cidades cemiteriais localizadas nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, analisando os modos de prática, comércio e sociabilidade no Dia de Finados nos Cemitérios Santa Izabel (PA) e Senhor da Boa Sentença (PB).

RIC - Revista de Informação Contábil - ISSN 1982-3967	v.17	e-023019	1-18	2023
---	------	----------	------	------

Além de potencializar debates outros que evidenciam experiências e posicionalidades de outros campos e lugares de saberes do país, a Antropologia da Morte também inclui em suas reflexões, notavelmente, a morte, ainda considerada um tabu, e os estigmas que permeiam as instituições, como os cemitérios, um agente de recurso do capital. A maneira como as atividades econômicas e sociais estão paralelamente ligadas à morte no Cemitério Santa Izabel na cidade de Belém e no Cemitério Senhor da Boa Sentença em João Pessoa, Paraíba, indica um outro tipo de mercado, que prospera como um recurso de vida em um espaço de morte, mostrando as ramificações das comunidades e os modos de sobrevivência e subsistência, que aparece quase sempre como geracional, sendo as duas necrópoles documentos ativos nas suas respectivas cidades.

O artigo em questão não consegue abordar todas as complexidades envolvidas no fenômeno e o mercado da morte, devido à sua dificuldade intrínseca. Qualquer empenho para examiná-la como objeto de reflexão como um todo será inevitavelmente insuficiente, pois mesmo que se elabore um tratado sobre o assunto, ainda assim não seria capaz de abranger toda a sua complexidade presente nos diversos aspectos da vida social, tais como o religioso, social, antropológico e psicológico, entre outros, mas as reflexões propostas e dados apresentados aqui desenham uma parte da amplitude do debate extenso da temática.

Ainda para perspectivas futuras de análise, as teses em andamento pretendem apontar demais desdobramentos da temática e suas reconfigurações frente à morte, o morrer e os mortos para debater sobre as complexidades e singularidades envolvidas no Brasil em contextos econômicos, urbanos, hospitalares, cemiteriais, funerários, ritualísticos, religiosos, políticos, emocionais/afetivos, de saúde, necropolítica e outros. Assim, perspectivamos desenvolver diferentes visões socioculturais associadas à morte promovendo reflexões quanto ao passar das épocas, contextos, culturas e seus respectivos sistemas simbólicos e imaginários que nos interpelam frente à morte e os processos do morrer, inclusive a respeito do lugar da morte no mundo dos negócios.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, F. A. C. (2008). *Os cemitérios públicos na cidade de João Pessoa – PB*. Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Araújo, R. B. (2012). *A mercantilização da morte na sociedade de consumo*. Habitus. Goiânia: [s. n.], p. 341 - 353.
- Ariès, P. (1975). *Sobre a história da morte no ocidente: desde a idade média*. 2.ed. Lisboa: Teorema.
- Bayard, J. P. (1996). *Sentido oculto dos ritos mortuários: Morrer é morrer*. São Paulo: Paulus.
- Bellomo, H. R. (2000). *Cemitério do Rio Grande do Sul*. A arte funerária. Porto Alegre: Edipucrs.
- Costa, S. P. (2017). Apontamentos para uma leitura de Georg Simmel. *Diálogos*, n. 3, v. 1, p. 291-307.
- De Castro, M. R. N.; Fonseca de Castro, F. (2019). Rituais de memória e temporalidade num Dia de Finados. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 22, n. 1.

RIC - Revista de Informação Contábil - ISSN 1982-3967	v.17	e-023019	1-18	2023
---	------	----------	------	------

- Douglas, M. (1976). *Pureza e perigo*. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- Gell, A. (1998). *Art and Agency: an anthropological theory*. Oxford: Oxford University Press.
- Geertz, C. (1989). *A interpretação da cultura*. Rio de Janeiro: LTC.
- Goffman, E. (1988). *Estigma*. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. São Paulo: LTC.
- Grisales, Sandra Patricia Arenas. (2016). *Fazer visíveis as perdas Morte, memória e cultura material*. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 28, n. 1.
- Reis, J. J. (1991). *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Magnani, J. (2013). *Da periferia ao centro, cá e lá: seguindo trajetos, construindo circuitos*. Anuário Antropológico/2012, 2(38): 53-72.
- Morais, I. A. L. (2013). *Pela hora da morte: estudo sobre o empresariado da morte e do morrer, uma etnografia no grupo parque das flores, em Alagoas*, revista, inter-legere, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, janeiro a junho.
- Motta, A. (2008). *À flor da pedra*. Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. Recife: Massangana.
- Negrão, M. V. N. (2014). *Iluminando os mortos: um estudo sobre o ritual de homenagem aos mortos no Dia de Finados em Salinópolis – Pará*. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Antropologia (UFPA), Belém, Pará.
- Perrot, M. (2017). Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 9-18, ago./set.
- Peirano, M. (2014). *Etnografia não é método*. Horiz. antropol., Porto Alegre, v. 20, n. 42, 377-391.
- Rocha, A. L. C.; Eckert, C. (2019). *Etnografia na rua e câmera na mão*. Studium, Campinas, SP, n. 8, p. 11–22.
- Rodrigues, J. C. (1983). *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Achiamé.
- Rocque, C. (2001). *História Geral de Belém e do Grão-Pará*. Distribel.
- Rodrigues, E. G. (2020). *Antropologia Mortuária: sentimentalismo contemporâneo acerca da morte*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais), UFPA, Belém.
- Rodrigues, E. G. (2023). *Espaços da morte na vida vivida e suas sociabilidades no cemitério Santa Izabel em Belém-PA: etnografia urbana e das emoções numa cidade cemiterial*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, UFPA, Belém.
- Rodrigues, E. G.; Silveira, F. L. A. (2022). Às portas das cidades urbana e cemiterial na cidade de Belém (PA). *Revista Conhecimento Online*, 1, 67–85.
- Rodrigues, P. A. C. (2012). *Duas faces da morte: o corpo e a alma do Cemitério Nossa Senhora da Soledade, em Belém/PA*. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural). IPHAN, Rio de Janeiro.
- Santos, Sidnei Ferreira dos. (2019). *A construção do mercado funerário no Brasil: agentes, instituições e estratégias de negócios*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara.
- Sales, V. F. S. (2022). *Saudades, Reencontros e Manicuera: espetacularidades entrecruzadas de afeto na Iluminação dos Mortos em Curuçá-PA*. Tese (Doutorado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, UFPA, Belém.

RIC - Revista de Informação Contábil - ISSN 1982-3967	v.17	e-023019	1-18	2023
---	------	----------	------	------

- Silva, É. A. (2005). *O cotidiano da morte e a secularização dos cemitérios em Belém na segunda metade do século XIX (1850 – 1891)*. Dissertação (Mestrado) – PUC.
- Silva, W. B. (2019). “*Lembre de mim*”: um olhar antropológico sobre o dia dos mortos no cemitério Senhor da Boa Sentença em João Pessoa/PB. TCC, João Pessoa, Departamento de Ciências Sociais.
- Simmel, G. (1983). Simmel: Sociologia. *Coleção Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Editora Ática.
- Turner, V. (1974). *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura* Petrópolis: Vozes.
- Veras, L.; Soares, J. C. (2016). Aqui se jaz, aqui se paga: a mercantilização da morte. *Psicologia & Sociedade*, 28(2), 226-236.

RIC - Revista de Informação Contábil - ISSN 1982-3967	v.17	e-023019	1-18	2023
---	------	----------	------	------